

Epistemologias do Sul e a experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França

Epistemologías del sur y la experiencia del Proyecto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-Francia

MARIA DA GRAÇA LUDERITZ HOEFEL

Universidade de Brasília (UnB), Brasil.
gracahoefel@gmail.com

MONIQUE ARAÚJO DE MEDEIROS BRITO

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
Brasil Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB),
Brasil moniqueambrito@gmail.com

DENISE OSÓRIO SEVERO

Universidade de Brasília (UnB), Brasil.
denisesevero.unb@gmail.com

REGINA GLORIA NUNES ANDRADE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.
reginagna@terra.com.br

ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
Brasil atsallis@gmail.com

Abstract

This article addresses the experience of the Migrant Parallel Lives Project (“PVP Migrantes”), whose action subjects are people in migration situation in both countries. Funded by CAPES-COFECUB, this project is an international research cooperation between the University of Brasília, University of the State of Rio de Janeiro, Université Paris XIII and Université Paul Valéry. The method of the project is structured in the performance of photography and human rights workshops and has as a guide the reflection from the image and the sharing of meanings, paths, destinations, impacts and possibilities of collective construction of forms of intervention in the world, capable of guaranteeing the human rights of the migrants. This article emerges from the experiences developed in order to reflect on the convergences and crossings with the perspectives of the epistemologies of the South. The project starts from the praxis of the workshops and from the potential of incorporating the image as an emancipatory device in order to discuss the theoretical-methodological aspects and their epistemological dialogues. Thus, the workshops are catalysts for a powerful encounter mediated by two important actants inscribed in the project method: photographs and a world map, through which migration experiences are told and shared, embodying a common object that does not seek to homogenize the experiences, since the logic of the epistemologies of the South is not to work with single stories and unquestionable truths, but to allow the emergence of epistemological, cultural, political and social diversities.

Keywords: migration; Southern epistemologies; Image; photography; actants.

Resumo

Esse artigo aborda a experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França, que tem como sujeitos da ação as pessoas em situação de migração em ambos países. Esse projeto é uma cooperação internacional de pesquisa entre a Universidade de Brasília, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Université Paris XIII e Université Paul Valery, financiado pela CAPES-COFECUB via edital. O método do projeto estrutura-se na realização de oficinas de fotografia e direitos humanos e tem como fio condutor a reflexão a partir da imagem e da partilha de sentidos, trajetos, destinos, impactos e possibilidades de construção coletiva de formas de intervenção no mundo, capazes de garantir os direitos humanos dos sujeitos migrantes envolvidos. Este artigo emerge nas experiências desenvolvidas, a fim de refletir sobre suas convergências e atravessamentos com as perspectivas das epistemologias do Sul. Partimos então da práxis das oficinas e das potencialidades da incorporação da imagem enquanto dispositivo emancipatório para discutir os aspectos teórico-metodológicos e seus diálogos epistemológicos. Assim, as oficinas são catalisadoras de um potente encontro mediado por dois importantes actantes inscritos no método do projeto: fotografias e um mapa do mundo. Por meio destes, as experiências de migração vão sendo contadas e partilhadas, dando corpo a um comum que não busca homogeneizar as experiências, uma vez que a lógica das epistemologias do Sul não é trabalhar com histórias únicas e verdades inquestionáveis, mas permitir a emersão das diversidades epistemológicas, culturais, políticas e sociais.

Palavras-chaves: migração; epistemologias do Sul; imagem; fotografia; actantes.

Resumen

Este artículo analiza la experiencia del Proyecto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-Francia, que tiene como temas de acción personas en situaciones de migración en ambos países. Esta es una cooperación internacional de investigación entre la Universidad de Brasilia, la Universidad del Estado de Río de Janeiro, la Universidad Paris XIII y la Universidad Paul Valery, financiada por CAPES-COFECUB. El método del proyecto se estructura en la realización de «Talleres de fotografía y derechos humanos», que tienen como hilo conductor la reflexión desde la imagen y el intercambio de significados, caminos, destinos, impactos y posibilidades de construcción colectiva de formas de intervención en el mundo, capaces de garantizar los derechos humanos de los sujetos migrantes involucrados. Este artículo se sumerge en las experiencias desarrolladas para reflexionar sobre sus convergencias y atravesamientos con las perspectivas de las epistemologías del sur. Partimos de reflexiones teóricas y metodológicas para pensar en la práctica de los talleres y el uso de fotografías como una forma propositiva de construir vínculos entre todos los que se articulan en esta red. Por lo tanto, los talleres se entienden como catalizadores de una reunión mediada por dos importantes actores registrados en el método del proyecto: fotografías y un mapa del mundo. A través de estos actores, se construye una conversación, se cuenta y comparte las experiencias de migración, dando forma a un significado común que no busca homogeneizar las experiencias, ya que la lógica de las epistemologías del sur no es trabajar con historias únicas y verdades incuestionables, pero precisamente para permitir el surgimiento de diversidades, ya sean epistemológicas, culturales, políticas y sociales.

Palabras clave: migración; epistemologías del sur; imagen; fotografía; actantes.

1. Introdução

Abordar o Projeto Vidas Paralelas (PVP) Migrantes Brasil-França e suas interfaces com as epistemologias do Sul implica necessariamente um resgate e uma localização no tempo e no espaço social e político que permita compreender onde, como, quando e a partir de qual grupo social emerge esta proposta. Isso é importante justamente por se tratar de um artigo propõe discutir essas proposições epistemológicas a partir de uma experiência concreta, portanto, a partir de uma práxis que, como tal, exige explicitação e reflexão acerca dos processos coletivos que conduziram à construção do referido projeto.

Antes, porém, ressaltamos a importância de falarmos a partir e com as epistemologias do Sul. Esse termo é utilizado por Boaventura de Sousa Santos e Ana Paula Meneses (2010) para denominar formas de produção de conhecimento que partem do Sul global e epistemológico, categorizado por um critério mais geopolítico que puramente geográfico. São epistemologias produzidas enquanto forma de denúncia e resistência pelos povos dos territórios historicamente dominados e explorados por aqueles provenientes do Norte global, que produziu uma epistemologia própria, com base em um ideal moderno de ciência, e a difundiu de forma hegemônica, produzindo um verdadeiro epistemicídio.

Esse termo não nasce a partir da temática da migração, mas sim a partir da demanda da classe trabalhadora por espaços e políticas capazes de trazer à luz seus olhares, suas vozes, perspectivas e modos de intervir no mundo, a fim de garantir seus direitos e a dignidade humana dos trabalhadores (Hoefel & Severo, 2011). Desse modo, a reflexão sobre a presente proposta implica a compreensão prévia acerca desse histórico que inclui muitas vozes, mãos e olhares que contribuíram para a construção dessa metodologia e de seus fundamentos.

Nesse sentido, destacamos que é da base deste projeto a construção conjunta com as/os sujeitas/os da ação, que, ao longo do tempo, foram se ampliando, de trabalhadoras/es para povos indígenas, camponesas/es, parteiras, até desembocar no atual momento, centrado na construção com pessoas em situação de migração. Entre as/os trabalhadoras/es e as/os migrantes, existe um trajeto de quase 10 anos de caminhada ininterrupta que se transmuta à medida das demandas das/os sujeitos, da sociedade e dos fenômenos sociais que emergem em cada momento histórico. Daí decorre que vários PVPs foram desenvolvidos e reconfigurados, buscando responder às demandas dos sujeitos da ação e, simultaneamente, preservar suas bases teórico-metodológicas fundantes, embora com abertura necessária para incorporar novos referenciais teóricos capazes de enriquecer suas dinâmicas e processos.

Assim, o projeto caminhou e construiu com as/os sujeitas/os suas nuances metodológicas e teóricas, partindo de três elementos que sempre se mantiveram como eixos:

a) a importância da centralidade do olhar dos próprios sujeitos da ação; b) a linguagem imagética como elemento metodológico norteador dos processos; c) a perspectiva da educação popular com base em Paulo Freire. Nesse sentido, cabe ressaltar que a epistemologia freireana

converge plenamente com as epistemologias do Sul, como pode ser observado ao longo da obra de Freire e materializado na sua vasta trajetória com as classes populares. Suas experiências e elaborações sempre carregaram princípios ancorados na práxis, no diálogo, na premissa da valorização e respeito aos distintos saberes e, sobretudo, na construção coletiva dos saberes a partir das trocas, forjada em processos inscritos na realidade, mar-

cados pela promoção da consciência crítica e autonomia dos sujeitos e coletivos (Freire, 1992; 1979).

Dessa forma, o PVP Migrantes carrega consigo as experiências anteriores e surge em 2015, diante da magnitude que alcança o fenômeno das migrações em nível global, o que, à época, evidenciava a necessidade de compreender, a partir do olhar das/os próprias/os sujeitas/os, as questões que permeavam as razões, percursos, trajetos e especialmente o cotidiano de vida, cultura, saúde e trabalho dessas pessoas em trânsito, a fim de apreender em que medida e de que maneira seria possível construir estratégias políticas capazes de garantir os direitos humanos das/os migrantes.

Então, em 2015, com base na construção teórico-metodológica referida, inicia-se a elaboração da proposta que viria a se consolidar como uma cooperação internacional de pesquisa, intitulada Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França, firmada entre a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Université Paris 5, Université Paris 13 e a Université Montpellier 3. O projeto foi contemplado em edital da CAPES-COFECUB, com vigência entre 2017 e 2020, e tinha objetivo geral de conhecer e revelar o cotidiano de vida, cultura, saúde e trabalho de sujeitos migrantes no Brasil e na França, a partir da ótica dos próprios sujeitos, por meio da metodologia do PVP, cujo eixo metodológico estrutura-se a partir do desenvolvimento de oficinas de fotografia e direitos humanos, lócus compreendido como experiência de partilha do sensível (Rancière, 2012) e construção coletiva dos saberes (Freire, 1992; 1979) a partir de narrativas imagéticas, bem como a promoção de processos de emancipação social.

Dito isso, este artigo imerge nas experiências desenvolvidas no PVP, a fim de refletir sobre as convergências e atravessamentos com as perspectivas das epistemologias do Sul. Partimos da práxis das oficinas e das potencialidades da incorporação da imagem enquanto dispositivo emancipatório para discutir os aspectos teórico-metodológicos que permeiam o projeto e sua metodologia, buscando discutir suas singularidades, potencialidades e desafios no que tange a processos que visam trazer à luz o olhar de sujeitos historicamente oprimidos, valorizando as distintas racionalidades, culturas e modos de estar no mundo a partir de experiências de partilha.

2. PVP e epistemologias do Sul: aspectos teórico-metodológicos

Antes de adentrar nos diálogos teóricos, aqui centrados especialmente em Freire (1992; 1979), com o fito de problematizar as interfaces que o método do PVP apresenta com as epistemologias do Sul, é importante apresentar os elementos centrais da metodologia. Nesse sentido, existe um processo ampliado que abarca todas as fases metodológicas do projeto e que expressam seus referenciais, bem como outro processo singular, especificamente vinculado às oficinas de fotografia e direitos humanos – elemento central do método – e que evidentemente também traduzem seus princípios. Desse modo, sob o ponto de vista metodológico, o projeto caracteriza-se como uma pesquisa-ação, composta por cinco fases: 1) articulação, debates e construção da rede de apoio; 2) realização das oficinas de direitos humanos e fotografia, a fim de resgatar a memória, a construção da história e do cotidiano de vida, cultura e trabalho; 3) transcrição e análise de oficinas fotográficas e de vídeos; 4) desenvolvimento e partilha do relatório de pesquisa preliminar e elaboração

coletiva do relatório final; 5) elaboração coletiva do catálogo e realização da exposição fotográfica do PVP Migrantes.

Destacamos que a Oficina de Fotografia e Direitos Humanos é elemento central existente desde a primeira versão do PVP. No contexto do PVP Migrantes, diferentemente dos demais PVPs, foi inserido nas oficinas um novo instrumento, que se refere à incorporação de uma etapa inicial com uso do *mapa-múndi* para evocar narrativas acerca das origens, trajetos e percursos, que, acreditamos, promovem a construção de vínculos, o reconhecimento dos distintos caminhos que cada qual apresenta e as aproximações existentes, mesmo entre percursos tão singulares de vida e de migração.

Dito isso, as oficinas PVP de fotografia e direitos humanos obedecem à seguinte metodologia: a) percorrer o mundo: registro de rotas migratórias sobre o *mapa-múndi*; b) mostrar uma foto: apresentação, partilha da foto escolhida por cada sujeito migrante e debate sobre as imagens e sentidos evocados das fotografias; c) escolher uma foto: escolha de uma foto e discussão aprofundada; d) desenvolver um processo de criação: produção de expressões plásticas; e) compartilhar o sensível: apresentação, compartilhamento de expressões artísticas feitas por cada migrante e debates sobre os significados evocados por essas expressões; f) falar dos nossos direitos: refletir sobre os direitos humanos; g) propor ações: construção de estratégias de ação. A vivência das oficinas possibilita que os sujeitos participantes experimentem um processo que envolve quatro dispositivos: implicação, afetação, evocação do «sentimento estético» e emersão de novos pensamentos, oriundos do processo de sentir, interagir, refletir, criar e agir.

Considerando o objetivo deste artigo, é fundamental percorrer uma experiência de Oficina de Fotografia e Direitos Humanos desenvolvida no âmbito do PVP Migrantes Brasil-França, realizada em Paris em 2019. Isso permite a emersão de impressões das/os leitoras/es sobre os processos vivenciados e possibilita a discussão em torno das aproximações entre elementos teóricos que a realidade das oficinas remetem e permitem e os métodos e bases das epistemologias do Sul, bem como demais elementos que dialogam com autores que discutem questões centrais incorporadas, tais como a construção de espaços de partilha do sensível, ancorados em Ranciere (2012) e Freire (1992; 1979). A seguir, compartilhamos fragmentos da vivência de uma das oficinas realizada pelo grupo, a partir de narrativas oriundas de diário de campo, a fim de trazer para o artigo elementos que expliquem tanto as condições de feitura quanto a reflexão acerca de seus efeitos teórico-metodológicos.

Essa oficina foi realizada na Université Paris 13, Villetaneuse, França, uma das instituições de ensino parceira. Diante do histórico do PVP e considerando que no Brasil já haviam sido realizadas oficinas com estudantes universitários em situação de migração, essa era uma oportunidade para dialogarmos com esse público que, naquele contexto, nos aproximávamos bastante, pois, ali, em outro país, nosso papel de estudantes pesquisadoras se sobressaía ao nosso papel de professoras pesquisadoras.

Embora a nossa intenção não seja nos cindir enquanto sujeitos, é importante reconhecer que nossa relação institucional opera de formas diferentes na nossa posição de pesquisadoras. Nesse sentido, outro elemento foi acrescentado a esse contexto: ali, éramos todas mulheres. Embora no momento inicial de apresentação do projeto e proposta de pesquisa para as/os estudantes houvesse participação de mulheres e homens, no momento da oficina que vamos relatar, a participação foi inteiramente de mulheres.

No dia 27 de novembro de 2019, estávamos lá, três mulheres pesquisadoras brasileiras, com a sala toda arrumada, lanche pronto, *mapa-múndi* e papéis para serem riscados na parede, cadeiras dispostas em semicírculo com canetas de diversas cores disponíveis para serem utilizadas. A oficina estava marcada para 11h30. Quando o relógio começou a mostrar o tempo passando desse horário, nossos olhares e expressões começaram a mudar, mas ainda sem verbalizarmos o que estávamos sentindo em relação àquela espera. Ao nos aproximarmos das 12 horas, começamos a olhar os corredores, buscando algum sinal das/os estudantes que algumas de nós já havíamos conhecido e que confirmaram presença na primeira oficina. Nenhum sinal delas.

Começamos a conversar, fazendo uma avaliação, pensando estratégias para a próxima vez: enviar um e-mail sem tom de cobrança, apenas informando que estivemos lá no horário combinado e que estaríamos novamente na próxima data agendada; enviar outro e-mail um dia antes da próxima oficina para lembrar a todas. Havia bastante comida ali na mesa, organizada para receber as estudantes imigrantes e decidimos ir conversando e comendo. Assim o fizemos e, quando estávamos certas de que ninguém apareceria, eis que surgem três estudantes marroquinas na porta da sala! Pegaram-nos, literalmente, com a boca na botija¹! Com as bocas cheias de comida e de espanto. Uma surpresa muito boa! Entraram se desculpando pelo atraso e nós, mais do que felizes, as recebemos mostrando a comida, pois eram 12h30 e elas estavam saindo da aula. Apresentamos a comida que estava ali na mesa: baguetes com três tipos diferentes de recheio, comida bem típica em território francês, salgadinhos, suco, refrigerante, além de uns docinhos de caju, típicos da região Nordeste do Brasil.

Demoremos um pouco mais aqui para conhecer essa história... A palavra caju, que vem do tupi *aka'yu*, significa noz que se produz. Aqui, dois mal-entendidos. Primeiro, a noz não é o caju, mas a castanha. Segundo, o caju, tido como o fruto do cajueiro (*Anacardium occidentale*), trata-se de um pseudofruto, mais precisamente seu pedúnculo floral, variando entre o amarelo, o rosado e o vermelho. O fruto do cajueiro é a castanha, secundarizada como castanha-de-caju. Assim como acontece com pessoas e saberes provenientes do Sul global em relação ao Norte; assim como acontece com mulheres de todo o mundo, embora não da mesma forma. Sua identidade é constituída a partir do outro, o caju –no masculino–, que assume o papel principal.

Impossível não fazer essa digressão quando estamos pensando uma práxis desde o Sul global. O docinho de caju atravessou o oceano Atlântico, cruzou fronteiras, reiterando lugares de diferença entre aquelas mulheres, inclusive as brasileiras, pois aquela iguaria só era conhecida por aquela de nós que vinha do Nordeste do Brasil. Aqui afirmar diferenças não quer dizer hierarquizar histórias, mas criar espaços de composição. Afirmamos essa mistura como possibilidade criativa. Enquanto comíamos e falávamos sobre o docinho de caju, surgiu a ideia de, nos encontros seguintes, levarmos outros tipos de comida típica dos diferentes lugares do mundo de onde vínhamos.

Estávamos com três mulheres marroquinas, mas de lugares diferentes, que fizeram questão de falar das diferenças de costumes, língua e vestimentas dos seus lugares de origem. Nós, brasileiras, também vínhamos de lugares muito diferentes. Ouvir os relatos sobre as diferenças foi algo importante; para além do comum que as reunia, as diferenças as

1. A expressão popular muito utilizada no Nordeste do Brasil «com a boca na botija» significa ser pega/o em flagrante. Antigamente, a botija era uma garrafa utilizada para guardar vinho, escondida em buracos e compartimentos secretos nas paredes. Esses compartimentos depois foram utilizados para guardar tesouros e bens valiosos das famílias. Essas histórias são passadas através da tradição oral entre as famílias nordestinas.

singularizavam. Enquanto brasileiras que vivem muitas diferenças no nosso país, compreendemos a importância disso. Por vezes, somos homogeneizadas, caricaturadas, de forma a apagar nossas singularidades, especialmente quando o olhar que nos olha – sem nos enxergar – e a mão que escreve nossa história vêm de longe e de fora. Pensar as mulheres e a migração implica identificações múltiplas, valorização da diferença e da diversidade. Construir um trabalho inspirado pelas epistemologias do Sul é afirmar a prática, a vida real e cotidiana como lugar de produção de vida, saúde e conhecimento.

Voltemos à oficina! Concordamos em começar a atividade e comer ao mesmo tempo, inclusive para manter o horário combinado para o fim da atividade, que seria 13h30, pois elas ainda teriam aula naquele dia. Começamos pedindo a autorização para gravarmos o áudio e fazermos fotos da atividade, todas concordaram. Gravadores ligados, celulares com suas câmeras prontas, iniciamos! Falamos brevemente sobre o PVP, pois todas que estavam ali tinham estado também na primeira reunião, quando a pesquisa foi apresentada. Conversamos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, sobre as fotos. A orientação anterior à oficina era para que cada uma de nós escolhesse uma foto que representasse a migração e a enviasse para o e-mail utilizado ali, para podermos projetar as fotos para todas verem. Enquanto uma de nós cuidava da organização das fotos, a outra seguiu com a próxima etapa.

Mostramos o mapa do mundo e explicamos a proposta de que todas desenhassemos os percursos já feitos por nós ao longo de nossas vidas. Fomos, uma a uma, cada uma de nós, seis mulheres ali presentes: estudantes, pesquisadoras, estudantes-pesquisadoras e pesquisadoras-estudantes. Um dos comuns? Todas tínhamos nos deslocado, pelo menos uma vez, por motivos de estudo. Todas estávamos ali na França, naquele momento, por motivo de estudo. Para algumas era a primeira vez que isso acontecia, para outras não. Ao final daquele momento, o mapa estava riscado com diferentes trajetos. Algumas linhas se cruzaram pelo meio dos caminhos. O que havia em comum ali? O que aquele mapa todo tracejado nos contava?

À medida que as linhas, percursos e histórias foram sendo contadas, o mapa foi tomando sentido e construindo-se enquanto imagem refletida dos caminhos trilhados e cotidianos vividos. A cada fala que surgia – no início de modo tímido –, tentávamos escrever no papel colado na parede breves fragmentos e sínteses das questões levantadas por cada uma de nós. Tudo cabia: recordações, impressões, observações ou fatos narrados, tudo era de alguma forma inscrito; por vezes, palavras soltas, por vezes pequenas frases... Assim foi se constituindo a segunda imagem paralela ao mapa, agora uma imagem de palavras evocadas por todas nós, mulheres migrantes em partilha.

O primeiro gesto de marcar percursos no mapa fez com que este se transformasse em um território partilhado, deixasse de ter duas dimensões para ter várias. Aqueles caminhos não foram percorridos por quaisquer pessoas. Naquela sala, todas éramos estrangeiras, migrantes, mulheres que saíram de seus países por diversos motivos, objetivos, formas, companhias, temporalidades. Mulheres se deslocando, indo ao encontro de sua formação. Isso por si só já é um deslocamento recente na história das migrações.

Durante muito tempo, quando não estava sendo invisibilizada, a migração feminina esteve limitadamente associada a práticas sexuais e de cuidado, como enfatizam Maria Cristina Gonzalez e Yamile Delgado de Smith (2015). Mulheres se deslocavam e «eram deslocadas» para cumprir um papel que tinha o outro como centro, geralmente um outro masculino e branco, historicamente colonizador. Cuidar e satisfazer desejos sexuais. Prá-

ticas consideradas não dignas ou inapropriadas para as mulheres do Norte global, que estavam em um processo de emancipação feminista, que não se estendia para todas as mulheres, especialmente aquelas racializadas e subalternizadas. Gonzalez e Smith (2015) salientam as mudanças nos fatores associados às migrações femininas nas últimas décadas, desmistificando o fator econômico como única fonte de empoderamento das mulheres. Elas associam a decisão de emigrar às múltiplas formas de discriminação vivenciadas: étnica, de gênero, orientação sexual, conflitos familiares, religiosos, entre outros. Além disso, soma-se a crescente participação política, cidadã e exercício de cargos públicos e comunitários em espaços internacionais.

Depois desse momento inicial, pouco a pouco as vozes foram se tornando mais intensas e soltas. As estudantes falavam, agora de forma mais ávida, todas ao mesmo tempo. Tentávamos organizar as falas para que pudéssemos ouvir todas, até que uma delas levanta a mão, pede licença e pergunta se ela mesma pode escrever. Assim, levanta-se e vai até o papel também colado na parede e faz uma sistematização com vários aspectos que considera importantes. Começa uma discussão em torno daquele papel na parede que agora traz em si tantas inscrições significativas. Outra delas complementa e o debate se intensifica, direcionando-se para uma questão-chave acentuada por elas, qual seja: a cultura e o desejo de partilhar mais esse tema em oficinas futuras.

Como percebemos, vários elementos teóricos freireanos estão presentes na narrativa descrita e norteiam o método, interconectando-se com a perspectiva das epistemologias do Sul. Seja nas premissas da valorização dos distintos saberes e culturas; seja nas formas de relação que implicam a horizontalidade, a ausência de hierarquias e a participação ativa de todas as envolvidas; seja no pressuposto de construção de um lócus democrático e crítico, que não se limita à auscultação, mas visa, em última instância, a construção coletiva de mecanismos de enfrentamento às adversidades, afirmação de identidades e a luta por direitos, cuja abordagem tem como dispositivo as imagens.

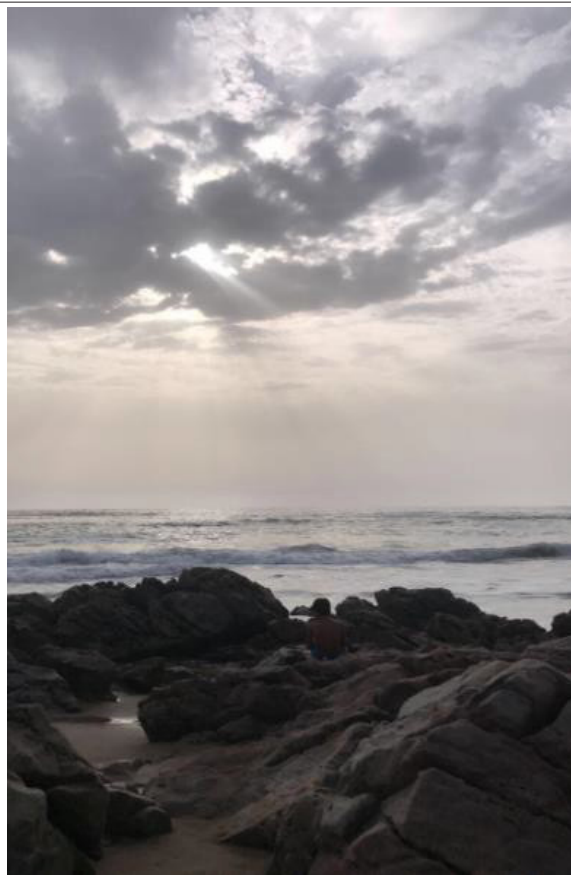
Acreditamos que esse lócus, aqui entendido como os espaços das oficinas, constitua espaços de trocas de saberes, promoção da consciência crítica e da emancipação social na perspectiva de Freire (1992), a qual dialoga com a proposta dos «espaços de experiência do comum sensível» elaborada por Rancière (2012) e configura-se como lócus de «liberdade estética», tal como abordado por Didi-Huberman (2008). Esse mosaico de autores(as) ilumina teoricamente as oficinas na medida em que permite a compreensão delas como espaços onde se precipitam experiências e interações entre as/os sujeitas/os e as imagens, isto é, entre espectadoras/es e autoras/es de suas próprias histórias e narrativas imagéticas, cujas trocas disparadas por imagens conduzem a uma emancipação estética (em que os sentidos podem se reencarnar e se reinventar).

Importa assinalar que essa emancipação estética é concebida como um processo de libertação, necessariamente político, que tem como força motriz a estética e o sensível. A emancipação estética relaciona-se, portanto, com a possibilidade de participação em um plano comum, no qual a dimensão da política surge como nova perspectiva de construção de sentidos, de sujeitas/os e de caminhos. Desse modo, pressupõe a dissociabilidade entre estética e política e remete a processos cujo elemento propulsor constitui a dimensão da emoção e da «partilha do sensível» (Rancière, 2012).

Essa partilha acontece de muitas formas nas oficinas. Além do mapa tornado território vivido e habitado (Santos, 1997), a partir das nossas trajetórias de vida desenhadas nele, temos também histórias, memórias e significados evocados com as fotografias partilhadas

entre nós. Éramos seis mulheres e seis fotografias que simbolizavam, de alguma forma, nossos deslocamentos. A seguir, apresentamos as seis imagens e o que foi falado a partir e com elas.

Figura 1. Praia



Nessa primeira fotografia, temos uma paisagem de praia; no primeiro plano, rochas escuras, com um caminho de areia entre elas que leva até o mar, em segundo plano, algumas ondas. Encontrando com o mar no horizonte, um céu azul-acinzentado, no topo da imagem, traz nuvens em um jogo de mostra-esconde com o sol, atravessadas por alguns tímidos raios solares. Essa foto foi escolhida por se tratar de um lugar que a pessoa gosta de ir: uma praia deserta, não muito explorada pelo turismo, para onde ela costumava ir nos feriados e fins de semana com sua família e também para ter seus momentos sozinha. «Essa é minha praia preferida para as férias, para os fins de semana... Eu escolhi essa foto porque eu adoro ficar sozinha e lá não tem muitas pessoas, não é uma praia muito conhecida. Eu sinto falta dessa praia, sinto falta das praias. Aqui não há nenhuma».²

Na segunda foto, uma das estudantes está rodeada por sua mãe e seu pai. Ela faz uma *selfie* no espelho com eles, tendo como cenário a universidade na França. Para ela, esse momento foi marcante, pois seus pais viviam em cidades diferentes no Marrocos e ela nunca tinha sido acompanhada pelos dois, juntos, na escola. Isso aconteceu pela primeira vez na França. Ela diz que «não é muito comum uma pessoa que está na faculdade morar com seus pais, mas eu estou muito feliz que eles morem comigo agora, porque isso é algo que eu nunca vivi antes».

2. Durante as oficinas, a língua falada foi o francês, aqui traduzido livremente pelas autoras nas falas literais das participantes.

Figura 2. Três pessoas em uma *selfie*



Na terceira foto, uma das estudantes está em uma rua aparentemente calma, com casas, árvores e alguns carros estacionados. A mulher está no primeiro plano da imagem, parada na calçada, de frente para rua, como se estivesse pronta para atravessá-la. Ela fala sobre a imagem, acentuando fortemente o processo de busca dos seus objetivos no ato de migrar e o quão grande são as exigências desse deslocamento. Porém, ela não expressa os desafios com nenhum caráter de sofrimento. Ao contrário, pontua como algo inerente ao processo que, segundo seu olhar, representa a certeza da conquista futura dos objetivos traçados.

Figura 3. Mulher na calçada



A quarta foto traz um livro aberto, com páginas em branco. Ela foi escolhida porque, nas palavras de uma dessas mulheres, «para mim, o processo de imigração é um pouco como um livro, que é uma grande viagem, um grande caminho e quando eu começo a ler um livro, eu não sei onde eu vou chegar».

Figura 4. Livro aberto



Na quinta fotografia, uma mulher de pé está fazendo uma *selfie*, com outras três mulheres sentadas no chão, em roda, com vários objetos espalhados. Elas estão arrumando as malas de uma delas que em breve partiria para a França: «eu escolhi essa foto porque representa a amizade, a parceria de mulheres que estão comigo, literalmente fazendo minhas malas, e figurativamente me acompanhando, pois sei que nessa jornada, elas continuarão comigo. Elas simbolizam a permanência, mesmo com tantas mudanças e deslocamentos».

Figura 5. Mulheres, livros e objetos



A sexta e última fotografia apresenta, em primeiro plano, uma grande faixa onde está escrito o nome Université Paris 13 e uma seta indicando a entrada da universidade, com uma jovem situada ao lado direito da foto, junto à faixa, sorrindo, e ao fundo um prédio que supõe-se seja um dos espaços acadêmicos da instituição. A narrativa dessa imagem foi permeada por profunda emoção e as palavras evocadas foram interrompidas por lágrimas, em um misto de alegria e constatação da imensidão de sentimentos, desafios e aprendizagens vivenciadas no processo de migração. As potencialidades desse caminho trilhado foram assinaladas, mencionando os desafios relacionados ao idioma, à adaptação à cultu-

ra, à distância da família e dos amigos, bem como ao esforço pelo alcance dos objetivos acadêmicos projetados. Apesar dos inúmeros desafios, o sentimento atribuído ao processo foi o de uma oportunidade inigualável, de profundo aprendizado, que enriqueceu sua trajetória de vida pessoal e profissional.

Figura 6. Mulher, portão e faixa



Seis mulheres, seis fotografias e suas histórias. A partir e com essas imagens, adentramos de forma concreta no que estava sendo compartilhado ali entre nós. Pedacos dos mundos vividos, rostos de pessoas importantes para aquelas vidas, momentos marcantes, lugares de passagem e permanência, no passado e no presente, quiçá no futuro.

A fotografia tem sido uma das principais ferramentas-meio desse fazer-pesquisa de dentro que temos desenvolvido com pessoas em situação de migração. A cada oficina, vamos nos dando conta da potência da fotografia enquanto intercessor entre diferentes experiências pessoais, tempo e espaço, como um instrumento ativador de memórias e elaborações. Para a filósofa Susan Sontag (2004), a fotografia é um objeto misterioso que consegue captar e materializar experiências com todos os seus traços, linhas e cores, transformando-se em um testemunho dos fatos, do tempo e do espaço.

É preciso pensar também a relação pessoa-fotografia-tempo. Muitas vezes, pensa-se a fotografia como mecanismo de captura e congelamento do tempo. No entanto, pensamos mais pela via do registro de uma situação-lugar que não se congela, posto que, mesmo nos remetendo a algo que já aconteceu, o sentido que atribuímos ao que está na imagem vai se refazendo ao longo do tempo e também sob a influência dos nossos deslocamentos, tanto geográficos quanto subjetivos. Não negligenciamos a capacidade de o contato com a fotografia nos provocar a sensação de viagem no tempo e no espaço, mas entendemos que essa «viagem» é atravessada por diferentes experiências e sensações que são tão mutáveis e diversas quanto nossos trajetos e repertórios de vida. Portanto, aquilo que o contato

com a fotografia desperta e evoca em nós não é imutável, vai se deslocando em nós, assim como nós vamos nos deslocando pela vida, *por* e *com* nossas experiências.

Os estudos sobre migrações e deslocamentos têm crescido e se complexificado. Diversas áreas e campos do saber têm se debruçado sobre o tema, trazendo diferentes perspectivas e reflexões. Nesse sentido, Andréa Vettorassi e Gustavo Dias (2017) ressaltam a necessidade de aprofundarmos o debate acerca dos métodos de pesquisa utilizados, uma vez que, tão importante quanto apresentar os dados obtidos no trabalho de campo, é a discussão crítica das ferramentas metodológicas utilizadas, refletindo sobre seu poder de apreensão do fenômeno investigado e suas limitações. A isso, acrescentamos nossa atenção aos possíveis impactos éticos e políticos nas vidas envolvidas no processo de pesquisa, incluindo sujeitas/os colocados no lugar de pesquisadas/os e de pesquisadoras/es.

Reconstruindo um caminho de pesquisas com esse tema, Vettorassi e Dias (2017) destacam a história oral, as fotografias e os mapas afetivos como métodos que buscam abarcar a complexidade dos movimentos migratórios em seus diferentes tempos e espaços. Em outra pesquisa, Vettorassi (2014) trabalha com mapas afetivos desenhados pelas pessoas em situação de migração, com as quais ela desenvolve suas pesquisas. Esse é um recurso para revelar as lembranças transportadas em desenhos no papel e em falas a partir da história oral. Para ela, os mapas afetivos são uma importante ferramenta metodológica para trabalhar as dimensões espaciais e temporais das/os entrevistadas/os, bem como a forma como veem a si mesmas/os e às/aos outras/os.

Assim como ela, também consideramos de grande relevância política, social, científica e ética que as histórias sejam contadas pelas próprias pessoas que as viveram, sendo registradas de diferentes formas e com diferentes recursos, construindo um processo de feitura que aproxime todas as pessoas envolvidas na pesquisa, eliminando os abismos historicamente criados entre «quem pesquisa e quem é pesquisada/o».

3. Considerações finais

Ao final deste texto-compartilhamento, que traz em si a marca afetiva de ser um relato de pesquisa experimentada de dentro – de forma implicada –, deixamos explícita nossa política de pesquisa, de escrita e de produção de conhecimento desde o Sul global e epistemológico.

Isso significa apostar nas posições localizadas e singulares para acompanhar o que está em movimento quando estamos com pessoas em migração.

Dessa forma, reafirmamos a potência da pesquisa que intervém, que se mistura, que faz com, e não sobre (Moraes, 2010). «Fazer com» é cultivar uma disponibilidade para aprender, com o próprio processo da pesquisa, qual intervenção é precisa – no sentido de ser tanto aquela que cabe quanto aquela que é necessária. Isso nos desloca, faz migrar, de um lugar de especialista para aquele de alguém que também tem suas localizações.

Vale destacar que uma questão que aprendemos com a oficina é que o movimento inaugura não apenas a mudança geográfica, mas também as transformações que se operam tanto nas pessoas quanto no mundo. As oficinas colocam em ação a possibilidade de coletivos que surgem dos atravessamentos singulares. A potência daqueles encontros inaugura uma ação, um verbo: *oficinar*. *Oficinar* se refere a um processo que não se constrange pelas singularidades, pelo contrário, ele brota delas. Localizar insurgências através das fotos de cada uma e de um mapa onde estamos todas, faz com que o mundo se multipli-

que. Em poucas palavras, o gesto colocado em ação visa produzir efeitos que convidem a ocupar, coletivamente, o mapa com geografias criadas ali.

Os dois principais instrumentos utilizados – o mapa e a fotografia – podem não ser por si sós expressão de um fazer menos hegemônico, mas o como, a forma utilizada procurou colocar em evidência a ação, a possibilidade de sermos guiadas pelo encontro, pelos sentidos que compartilhamos. A palavra sentido aqui tem uma ambiguidade que nos interessa: ela se refere aos órgãos sensoriais e ao modo como o mundo ganha uma possibilidade estética renovada, bom como às semânticas que podem ser encontradas porque nos tornamos mais que um.

4. Referências

- Didi-Huberman, Georges (2008) *La Emoción no dice «yo»*: Diez Fragmentos sobre la libertad estética. In A. JAAR (Org.) *La Política de las Imágenes*, Santiago do Chile, Metales Pesados.
- Freire, Paulo (1992) *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire, Paulo (1979) *Conscientização. Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Cortez & Moraes.
- Gonzalez, Maria Cristina & Delgado de Smith, Yamile (2015) Género y migración. *Desandocaminos, Ex æquo*, Vol. 1(31), pp. 143-157.
- Hoefel, Maria da Graça L. & Severo, Denise O. (2011) Participação Social em Saúde do Trabalhador: avanços, desafios e perspectivas contemporâneas, *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, Vol. 5(4), pp. 119- 138.
- Moraes, Marcia (2010) Pesquisar COM: política ontológica e deficiência visual. In V. Kastrup & M. Moraes (Orgs.) *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*, Rio de Janeiro, Nau.
- Rancière, Jacques (2012) *Le partage du sensible: esthétique et politique*, Paris, La Fabrique.
- Santos, Boaventura de Sousa & Meneses, Maria Paula [Orgs.] (2010) *Epistemologias do Sul*, São Paulo, Cortez.
- Santos, Milton (1997) *Metamorfoses do espaço habitado*, 5. ed. São Paulo, Hucitec.
- Sontag, Susan (2004) *Sobre a fotografia*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Vettorassi, Andréa (2014) Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico, *História e Cultura*, Franca, Vol. 3(3), pp. 55-176.
- Vettorassi, Andréa & Dias, Gustavo (2017) Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, Vol. 20(2), pp. 7-28.

Proceso Editorial • Editorial Process Info

Recibido: 18/10/2021 Aceptado: 02/12/2021

Cómo citar este artículo • How to cite this paper

Luderitz Hoefel, Maria da Graça; et al. (2020) Epistemologias do Sul e a experiência do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França, *Revista de Cultura de Paz*, Vol. 5, pp. 271-285.

Maria da Graça Luderitz Hoefel. Doutora em Sociologia (UFRGS). Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB)/Brasil. Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França. n* 884/2017- 2021- UNB-UERJ – Paris Nord e Université Paul Valéry (Montpellier III), França. Coordenadora do Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes. Desenvolve pesquisas com ênfase em: saúde do trabalhador; migração, saúde e direitos humanos; saúde indígena; ativismo.

Monique Araujo de Medeiros Brito. Doutora em Psicologia Social (UERJ). Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrante do Laboratório de Sensibilidades SENTIR: Espaço de vivências do sensível na formação em saúde (UFRB) e do Laboratório AfeTAR (UERJ). Atua na área de Psicologia e Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Mental, especialmente: saúde pública/coletiva; saúde mental; atenção primária à saúde; esquizoanálise e Teoria Ator-Rede.

Denise Osório Severo. Doutora em Saúde Coletiva (UnB). Professora do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB)/Brasil. Pesquisadora do Projeto Vidas Paralelas Migrantes Brasil-França. Membro do Laboratório de Saúde do Trabalhador, Saúde Indígena e Saúde dos Migrantes. Desenvolve pesquisas com ênfase em: migração, saúde e direitos humanos; saúde do trabalhador; saúde indígena; participação e movimentos sociais;

Regina Gloria Nunes Andrade. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) É Vice Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Migrantes –Capes Cofecub – n* 884/2017- 2021- UNB-UERJ - Paris Nord e Université Paul Valéry (Montpellier III), França. orienta Mestrado e Doutorado no Programa de Psicologia Social. Foi professora visitante de universidades Francesa, Angolana e Brasileira. É Bolsista e Pesquisadora Visitante Emérita da FAPERJ

Alexandra Cleopatre Tsallis. Doutora em Psicologia Social (UERJ). Professora do Departamento de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do Laboratório AfeTAR (UERJ). Membro do Núcleo de Pesquisa Degenera (UERJ-CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa Entre Redes (UFF-CNPq). Desenvolve pesquisas na área de Psicologia Social e Clínica.